

Já paguei minha dívida: conversas com homens autores de violência de gênero

*Lore Fortes*¹

*Priscila Vieira Ferreira*²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: A partir da realização de entrevistas semiestruturadas com homens autores de violência de gênero que cumpriram pena por terem cometido crimes no âmbito da nº 11.340/2006 na cidade de Apodi (RN), este artigo traz conversas na forma de Discurso do Sujeito Coletivo, técnica de análise de dados que busca compreender como as representações individuais refletem as representações coletivas, reunidas de modo a expressar o que pensa a coletividade. Reproduzidas nas falas dos atores sociais pela sua agregação e categorização a ferramenta possibilita o entendimento da realidade investigada, compreendendo as práticas sociais como um jogo social onde as representações coletivas revelam as maneiras de agir e de pensar de cada pessoa. Assim, foi possível concluir que os discursos dominantes de gênero atuam nas relações de poder e compõem os elementos que legitimam e naturalizam a violência de gênero.

Palavras-chave: violência de gênero, discursos, representações sociais

FORTES, Lore; FERREIRA, Priscila Vieira. Já paguei minha dívida: conversas com homens autores de violência de gênero. *Aceno* – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 8 (17): 439-456, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ É professora titular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenadora do grupo de pesquisa Gênero e Sexualidade do departamento de Pós-graduação de Ciências Sociais (UFRN), doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB) com estágio pós-doutoral pelo CSIS – Espanha. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) e tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UNPR).

² É escritora da Polícia Civil do Rio Grande do Norte (PCRN), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisadora do grupo de pesquisa gênero e sexualidade (UFRN). Tem especialização em Ciências Criminais (PUC/Minas) e graduação em Ciências Sociais (UFRN).

I have already paid my debt: conversations with men who have committed gender based violence

Abstract: Based on semi-structured interviews with male authors of gender-based violence who served time for committing crimes under No. 11.340/2006 in the city of Apodi (RN), this article brings conversations in the form technique of data that seeks to understand how individual representations reflect collective representations, brought together in order to express what the collectivity thinks. Reproduced in the speeches of the social actors by their aggregation and categorization, the tool enables the understanding of the investigated reality, understanding social practices as a social game where the collective representations reveal the ways of acting and thinking of each person. Thus, it was possible to conclude that the dominant discourses of gender act in power relations and compose the elements that legitimize and naturalize gender violence.

Keywords: gender violence; discourses; social representations.

Ya pagué me deuda: conversaciones com hombres que han cometido violencia de género

Resumen: Basado en entrevistas semiestructuradas con autores masculinos de violencia de género que cumplieron condena por cometer delitos bajo el n. 11.340/2006 en la ciudad de Apodi (RN), este artículo trae conversaciones en forma de Discurso Colectivo del Sujeto, una técnica de análisis de datos que buscan comprender como las representaciones individuales reflejan las representaciones colectivas, reunidas para expresar lo que piensa la colectividad. Reproducida en los discursos de los actores Sociales por su agregación y categorización, la herramienta posibilita la comprensión de la realidad investigada, entendiendo las prácticas Sociales como un juego social donde las representaciones colectivas revelan las formas de actuar y pensar de cada persona. Así, se pudo concluir que los discursos dominantes de género actúan en las relaciones de poder y componen los elementos que legitiman y naturalizan la violencia de género.

Palabras clave: violencia de género, discursos, representaciones sociales

Neste artigo tratamos das questões metodológicas da pesquisa de campo realizada com homens que foram condenados por terem cometido crimes no âmbito da violência de gênero na cidade de Apodi no interior do Rio Grande do Norte (RN). Iniciamos este caminhar metodológico descrevendo as ferramentas escolhidas, compreendendo, segundo Minayo (2016), que sempre houve preocupação do homem com o conhecimento da realidade e através da história vários tipos de saberes foram adquiridos e desenvolvidos, sendo a ciência a forma hegemônica de construção da realidade para sociedade ocidental.

O objeto aqui pesquisado e analisado não é uma escolha aleatória, pois está relacionado diretamente com minha prática profissional, de modo que logo no início da pesquisa foi necessário definir o método e a técnica a serem utilizados para o levantamento e análise dos dados, a fim de resguardar a cientificidade do objeto, bem como manter a identidade do campo estudado.

A pesquisa de campo está dividida em duas fases e busca a compreensão e a interpretação sobre o objeto em duas fases: a fase exploratória e a fase de campo. A fase exploratória incluiu leitura de textos e bibliografia, buscando compreender e relacionar os conceitos e teorias sobre o tema em foco; pesquisa documental a partir da escolha de inquéritos policiais e processos judiciais, registrados entre os anos de 2016 e 2017, na Vara Criminal de Apodi, que tratavam de crimes oriundos de violência de gênero, cometido contra mulheres no âmbito doméstico e familiar e a caracterização do campo, a partir da preparação da documentação para realização da pesquisa, junto com a elaboração de um questionário.

Na fase de campo foram tratadas as entrevistas semiestruturadas com homens autores de violência de gênero, bem como a ordenação, classificação e análise dos dados, utilizando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A escolha do DSC se deu por se tratar de uma técnica que busca a identificação das representações sociais dos agentes em suas práticas sociais individuais orientadas pelo *habitus*, enquanto esquema cognitivo (BARBOSA, 2014), e por se tratar de uma ferramenta que utiliza o método qualitativo de análise do discurso que está revestido de signos e se torna visível pelas palavras (FOUCAULT, 2014b), representando, assim, a dimensão simbólica, com ênfase na percepção dos entrevistados sobre o tema.

Por meio do DSC buscou-se compreender como as representações individuais refletem as representações coletivas, reunidas de modo a expressar o que pensa a coletividade, uma vez que como técnica de análise, identifica as opiniões expressas e captura as múltiplas dimensões que lhe são constitutivas, reproduzidas nas falas dos atores sociais pela sua agregação e categorização (FORTES e BEZERRA, 2018).

Assim, o DSC permite obter dados quantitativos da fala de um sujeito, buscando a aproximação e o entendimento da realidade investigada, compreendendo as práticas sociais como um jogo social onde as representações coletivas revelam as maneiras de agir e de pensar de cada pessoa, que por sua vez é influenciada pela realidade exterior (FORTES, BEZERRA e SILVA, 2018).

Baseado nisso, Silva (2018), afirma que o DSC é um instrumento de resgate das representações sociais, como uma reconstrução do pensamento social enquanto depoimento coletivo, levando a uma dimensão objetiva e subjetiva na

composição da realidade social humana. Dessa forma, favorece novas possibilidades de diálogos, entre “o todo e as partes, entre a síntese e a análise, entre o paradigma e o sintagma, entre o qualitativo e o quantitativo” (SILVA, 2018: 72).

Explicam Lefevre e Lefevre (2006), que enquanto técnica de pesquisa empírica, o DSC tem como objeto o pensamento das coletividades e permite iluminar o campo social da pesquisa, através do resgate das diferenças e semelhanças entre as visões dos sujeitos coletivos. Como sistemática o DSC compreende os seguintes níveis: 1) produção individual das representações sociais (entrevistas); 2) produção coletiva das representações sociais; e 3) a interpretação das representações sociais, através da análise e discussão das evidências que constituem os discursos dos sujeitos.

Reforça Barbosa (2014) que o DSC é uma técnica de caráter indutivo e inspiração fenomenológica (HUSSERL, 1980; SMITH e SMITH, 1998), e busca identificar as representações sociais dos agentes em suas práticas sociais e, enquanto forma de autoexpressão de uma coletividade, de modo a capturar as múltiplas dimensões que lhe são constitutivas, permitindo compreender o *habitus* (BOURDIEU, 2004), presente nas falas dos entrevistados.

Outro argumento que contribuiu para a escolha do DSC como técnica de análise e coleta de dados é que esta ferramenta permite a preservação total e o sigilo acerca da identidade dos entrevistados, utilizando a dimensão quanti-qualitativa para coleta, organização e análise dos dados. Na medida em que reúne trechos das falas dos entrevistados, intituladas expressões-chave, de modo a apresentar na primeira pessoa do singular, como se fosse uma pessoa representando aquele grupo de pessoas, não se pode identificar os entrevistados individualmente.

Assim as representações sociais reveladas por suas falas, se manifestam coletivamente através do DSC, como resgate da linguagem e do pensamento das ações do mundo cotidiano (FORTES e BEZERRA, 2018), constitui uma qualidade e uma quantidade coletiva.

Em suma a proposta da utilização da técnica analítica do DSC visa unir os métodos qualitativos e quantitativos de pesquisa social atribuindo à experiência humana, valores mensuráveis através do raciocínio dedutivo e pretende conhecer os argumentos, os significados das experiências, os símbolos justapostos nos valores e padrões dos atores envolvidos.

A partir da técnica do DSC foi utilizado o Programa Dscsoft *software*, para o tratamento dos dados. Trata-se de um programa elaborado pela Sales e Paschoal Informática, desenvolvido através da parceria com a Universidade de São Paulo (USP), e a Faculdade de Saúde Pública, que teve como pesquisadores responsáveis e criadores da técnica, os professores, Fernando Lefevre (2010) e Ana Maria Lefevre (2010).

Uma vez estabelecidas às categorias de análise a técnica do DSC propõe a identificação das opiniões expressas individualmente pelas representações sociais dos sujeitos sociais e suas práticas na sociedade, permitindo, visualizar as representações sociais individuais, reunidas de maneira a expressar o que pensa uma coletividade, e assim, capturar as múltiplas dimensões que lhe são constitutivas, articulando o método qualitativo de análise do discurso que permite obter dados quantitativos da fala de um sujeito.

A análise quanti-qualitativa que o programa oferece apresenta em gráficos, variáveis quantitativas, que estão relacionadas às categorias organizadas através de questões abertas. A análise de dados com base nas categorias que agregam

eixos comuns dos discursos dos entrevistados, estão representados pelos seguintes operadores: Expressões-Chave; Ideias Centrais; Ancoragens e Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs).

Por meio de entrevistas são selecionadas as Expressões-Chave, que são os segmentos de cada depoimento que melhor descrevem o conteúdo. Em seguida são identificadas as ideias Centrais, juntamente com as Ancoragens, que agrupadas irão expressar uma soma qualitativa dos discursos individuais (LEFEVRE e LEFEVRE, 2010). O objetivo da operação é obter informações qualitativas sobre as representações sociais da coletividade, efetuando-se a análise das sínteses.

No processo de elaboração do DSC cada categoria ao ser congregada pelo pesquisador em um conjunto de opiniões, a partir das E-CHs e ACs, semelhantes, desdobra-se em discurso do coletivo, composto na primeira pessoa do singular para demarcar a presença da enunciação do pensamento coletivo na pessoa do Sujeito Coletivo do Discurso. Trata-se, portanto, de um recurso para análise quanti-qualitativa, qual seja, das representações sociais de homens autores de violência de gênero que cometeram crimes no âmbito da violência de gênero e participaram de programas de ressocialização e educação.

Com o propósito de viabilizar a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário dividido em duas partes elaborado de modo a apresentar para cada questão seu respectivo objetivo. A primeira parte do questionário contém em suas questões as informações para a identificação do perfil dos entrevistados.

A partir destas reflexões iniciais foi possível perceber que seria necessário conhecer as características do fato criminoso ocorrido, bem como conhecer o contexto geral sobre os relacionamentos desses homens, trazendo ao escopo do trabalho categorias sociais, econômicas, familiares e principalmente as relações de gênero.

Após a elaboração do questionário, o próximo passo foi à coleta de dados junto aos Inquéritos Policiais (IPs) que apuravam crimes cometidos no âmbito da violência doméstica e familiar contra a mulher instaurados na Delegacia Municipal de Apodi. Em seguida foi realizado um levantamento dos processos judiciais que tramitavam na Vara Criminal de Apodi entre os anos de 2016 e 2017 e que já haviam sido julgados, sendo possível definir o recorte da pesquisa com dez homens condenados por crimes relacionados à violência doméstica e familiar contra a mulher e com as respectivas mulheres em situação de violência.

Tabela 1: Ocorrências na Delegacia Municipal de Apodi (RN) – 2016/201

Delegacia Municipal de Apodi			
Ano/Ocorrências	Boletins de Ocorrências	Inquéritos Policiais	Processos
2016	27	20	22
2017	47	18	20
Total	74	38	42

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, a partir do levantamento das ocorrências registradas na Delegacia de Apodi (RN) (2018/2019).

Estes dados compõem o conjunto de informações coletadas entre os meses de outubro de 2018 a março de 2019, quando foram realizadas em Apodi (RN) as entrevistas com os interlocutores. Os dados mostravam a diminuição no número de boletins de ocorrências registrados naquela unidade policial, mas não significa dizer, no entanto, que houve uma diminuição no número de casos ocorridos, uma vez que muitas mulheres deixam de prestar queixa.

Um fato que nos chamou atenção foi o número de processos ainda não julgados que aguardavam diligências, como a realização de perícias e a tomada de depoimentos de testemunhas, além dos processos arquivados por falta de provas ou devido à desistência da mulher. Diante dos 74 boletins registrados, nos dois anos, apenas 38 chegaram a se transformar em inquéritos policiais e destes, apenas 10, no prazo de dois anos, haviam sido julgados e os homens cumprido a sentença, o que significa dizer que apenas 10 processos haviam sido finalizados durante esse período.

Vale destacar que na cidade de Apodi não existe Delegacia especializada no Atendimento à Mulher. Contudo, através dos órgãos da rede de atendimento³, a Secretaria da Mulher tem realizado campanhas de prevenção buscando acolher as mulheres em situação de violência doméstica e familiar, fazendo o acompanhamento e o encaminhamento para que elas possam receber a ajuda necessária.

A partir dos dados acima apresentados é possível perceber que se trata de um tema complexo e que deve ser analisado considerando todo o contexto que o constitui e demonstram que as sociedades humanas estão estabelecidas dentro de certas conformações sociais. De modo que se faz necessário desenvolver o conteúdo considerando as conexões estruturais da vida social que corresponde ao ambiente social em análise.

Estabelecidas e apresentadas as ferramentas da pesquisa seguimos para conhecer os interlocutores completando os elementos etnográficos, de modo que se propõem realizar um diálogo entre as estruturas conceituais, os discursos dos sujeitos, as observações e descrições coletadas em campo para a elaboração de uma análise capaz de interpretar as informações obtidas, buscando atribuir significações às representações e práticas dos atores envolvidos.

Os sujeitos dos discursos: caracterização dos participantes da pesquisa

Este tópico é dedicado à realização da caracterização dos entrevistados, onde vamos apresentar o perfil, as falas e discursos dos homens que estiveram envolvidos em situações de violência de gênero na cidade de Apodi.

A utilização da entrevista como ferramenta de comunicação e de coleta de dados, teve como objetivo reunir informações favoráveis ao objeto da pesquisa. Do tipo semiestruturada, combinou perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão, sem se prender necessariamente às perguntas formuladas, a fim de se alcançar as opiniões, crenças, sentimentos, condutas, de determinados comportamentos e atitudes, estabelecendo uma interação social entre o entrevistado e o entrevistador.

As entrevistas tiveram início com a coleta de dados referentes aos aspectos gerais de cada um, como nome, idade, escolaridade, profissão. Em seguida foram feitas perguntas abertas que buscavam conhecer à estruturação da subjetividade dos sujeitos em busca de uma objetividade científica do objeto da pesquisa. Os

³ A Rede de Atendimento reúne ações e serviços das áreas da assistência social, justiça, segurança pública e saúde, integrando a Rede de Enfrentamento, ao contemplar o eixo de assistência previsto na Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. Busca a identificação e encaminhamento adequados das mulheres em situação de violência e a integralidade e humanização da assistência. A Rede de Atendimento é composta por serviços especializados, como os Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) e os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), e não-especializados, como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS). <http://www.compromissoeatitude.org.br/rede-de-atendimento-as-mulheres-em-situacao-de-violencia/>

resultados, porém, não são transcrições diretas das gravações e anotações. O trabalho de campo aqui apresentado em forma de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é a elaboração de total responsabilidade da pesquisadora, considerando o critério de liberdade que move a pesquisa, e procura entrelaçar conceitos, teorias aos fatos narrados pelos entrevistados.

É necessário lembrar o que já foi dito quanto ao DSC que é elaborado a partir da reunião de expressões chave retiradas das entrevistas realizadas e reunidas como um quebra cabeça, de modo a expressar a opinião coletiva sobre uma determinada categoria e colocada na primeira pessoa do singular para que expresse a representação coletiva sobre determinado tema.

A necessidade de elaborar o perfil dos homens entrevistados surge como forma de observarmos a construção dos papéis de gênero que resultam na promoção de situações de conflitos e atos de violência doméstica e familiar contra as mulheres.

Nos dez casos analisados, oito homens chegaram a cumprir pena privativa de liberdade, e apenas dois foram sentenciados com penas restritivas de direito, onde tiveram que prestar serviços à comunidade. Um deles chegou a dizer no momento da entrevista que não estava mais realizando o trabalho na escola onde foi determinado o serviço comunitário e que nem iria voltar. Estes dados afirmam a tendência recorrente do sistema judiciário brasileiro em atribuir a privação de liberdade como a opção mais eficiente para combater à violência, e alerta para as falhas na fiscalização do cumprimento da pena.

Entre os processos analisados, os crimes de maior incidência foram de ameaça e lesão corporal⁴. Isto quer dizer que a estes crimes são atribuídos um menor potencial ofensivo, portanto quem os pratica, recebe punição menor, de preferência o pagamento de multa ou trabalho comunitário, conforme previsto na Lei 9.099/95⁵.

Observa-se diante dos dados colhidos que a prisão, no entanto, ainda é entendida como a maneira mais eficiente de punição, de forma que todos os homens que praticaram o crime de lesão corporal foram condenados e apenas nos casos de ameaça, os agressores receberam como punição a pena alternativa, na forma do cumprimento de serviço comunitário.

As entrevistas revelaram que oito homens condenados chegaram a cumprir pena no Centro de Detenção Provisória de Apodi, onde estes estiveram em celas acompanhados com outros condenados e mesmo com presos provisórios (que aguardavam julgamento) por diversas práticas criminais, como tráfico de droga, homicídios, assaltos, entre outros crimes graves, e até crimes hediondos E ao serem perguntados sobre a participação em programas de educação ou ressocialização, a resposta unânime foi: NÃO.

Tabela 2: Crimes por tipo de pena - Delegacia Municipal de Apodi (RN) – 2016/2017

Crimes	
Lesão (leve)	7
Ameaça	3

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, a partir do levantamento das ocorrências registradas na Delegacia de Apodi (RN) (2018/2019).

⁴ O crime de lesão corporal, está previsto no artigo 129 do Código Penal Brasileiro de 1940, e pode ocorrer em seis modalidades, sendo: lesão leve, grave, gravíssima, seguida de morte, culposa, e a modalidade que qualifica a lesão ocorrida no âmbito da violência doméstica. Na lesão leve a pena é de 3 meses a 1 ano, e é aplicada quando há ofensa a integridade física ou a saúde de alguém. Já lesão grave é aquela que resulta na incapacidade para as ocupações habituais por mais de 30 dias, apresenta perigo de vida ou debilidade, e tem a pena aumentada de 1 a 5 anos. (GRECO, 2015, p. 364)

⁵ Dispõe sobre os Juizados Cíveis e Criminais.

Alguns relataram que chegaram a participar de atividades para remissão de pena⁶, como limpeza das celas e do pátio, apoio para distribuir as refeições, e serviços externos como manutenção de prédios públicos, limpeza da cidade, consertos e reformas de móveis e equipamentos em hospitais e escolas, por exemplo.

Quanto às entrevistas ocorreram nas casas dos entrevistados. Alguns dados chamaram a atenção no desenvolvimento do perfil dos interlocutores entre eles a grande diferença do tempo de relacionamento nos casos analisados. Por exemplo, havia casais que estavam juntos há apenas quatro meses e outro com 27 anos de convivência.

Em todos os casos, no entanto, foram as mulheres que decidiram terminar o relacionamento. Isso demonstra que geralmente têm sido as mulheres quem decidem o momento de mudar suas vidas e sair do ciclo de violência. Além disso, outro dado relevante sobre os relacionamentos dos envolvidos é que em 50% dos casos, o casal já estava separado e nos outros 50% ainda estavam vivendo juntos.

Chama-nos a atenção ainda que entre os casos selecionados para esta pesquisa, 6 ocorreram em via pública, e os outros quatro dentro de casa. O que possibilita pensar que para além do espaço físico onde a violência é cometida, as dimensões da vida social, público e privada, estão recheadas de conflitos e tensões, reproduzindo as relações sociais hegemônicas que refletem o processo histórico de subordinação da mulher. Mesmo quando a mulher consegue escapar do ambiente doméstico à qual ela está literalmente presa e desprotegida, o homem extrapola o espaço das quatro paredes com o objetivo de afirmar sua dominação sobre a mulher, e não apenas sobre ela, mas também para quem se aproximar dele. Porém, devemos considerar que muitas vezes vizinhos e familiares se recusam em ajudar a mulher, sob a máxima popular de que “em briga de marido e mulher, ninguém se mete”. No entanto, essa “briga”, deixou de ser assunto privado, “coisa de casal”, e passou a ser responsabilidade do Estado que deve agir em casos de violência de gênero, seja dentro ou fora de casa.

Os atos de violência de gênero que geralmente permaneciam ocultos, escondidos no âmbito das relações familiares comumente caracterizam-se por um padrão repetitivo, de controle e dominação, estabelecido através da reprodução de papéis sociais em que homens e mulheres desempenham na sociedade e cujos valores estão ligados ao gênero. Por sua vez, estes papéis sociais estabelecem os comportamentos e práticas sociais que perpetuam as práticas abusivas no ambiente familiar, reunindo assim, as condições para o exercício da dominação masculina, o *habitus* da violência (BOURDIEU, 2018), que toma as ruas, os becos, as praças, praias e supermercados. Não há lugar seguro para as mulheres.

Nesse contexto, a violência de gênero é compreendida como uma manifestação radical da relação entre os sexos, em que o homem, por deter o poder do mando, faz valer sua autoridade para exigir, impor, ameaçar, punir, vigiar, e em muitas ocasiões, como as relatadas através das entrevistas, agredirem suas companheiras, ultrapassando o espaço físico do lar, o ambiente doméstico, chegando às vias públicas onde já não é mais possível esconder o fato criminoso.

Os homens entrevistados inicialmente apresentaram uma atitude defensiva ao me verem ali em suas casas, chegando a perguntar se seriam presos novamente, e afirmando que já haviam pago sua dívida com a sociedade. Foi uma situação que se repetiu em vários momentos durante as visitas para a entrevista. Ao explicar o motivo pelo qual estava ali, percebi um alívio em seus rostos. Eles

⁶ Significa que estes apenados serão beneficiados com o dispositivo legal que prevê a redução da pena para quem trabalhar durante o tempo que estiver cumprindo pena.

não apresentaram resistência diante das perguntas, mas demonstraram desconforto e até vergonha por estarem falando sobre o tema, chegando a passar boa parte da entrevista de cabeça baixa.

Quando as perguntas da entrevista foram feitas nenhum deles negou o fato ocorrido, pois não havia como negar, diante da condenação e da pena cumprida. No entanto, todos se mostraram chateados com a punição, dizendo não ser necessária uma prisão para o que eles consideravam “uma briga de casal”, e apontaram o uso da bebida alcoólica como motivador das ações violentas, afirmando ser “coisa do momento”, “coisa de casal”.

Para nossa surpresa, um dos entrevistados relatou que desde que foi denunciado pela ex-companheira parou de beber, fato confirmado por seus familiares. A decisão tomada partiu, no entanto, da decisão pessoal do entrevistado, que relata também o medo que sentiu de ficar preso, de forma que esta mudança em seu comportamento nada tem a ver com a participação em programas de educação e ressocialização para os homens condenados em casos de violência doméstica e familiar contra as mulheres.

O medo de voltar a ser preso está presente na fala de todos os entrevistados. Entre os dez entrevistados, oito foram presos, e apenas dois receberam como sentença judicial, o cumprimento de serviços comunitários, sendo que os oito que tiveram a privação de liberdade como sentença, o período máximo de cumprimento de pena foi de quatro meses, em regime fechado, e em seguida tiveram o regime de pena alterado, concluindo a sentença com prestação de serviço comunitário.

Tabela 3: Participação em programa de ressocialização

Entrevistados		
Situação	Sim	Não
Presos	8	2
Participou de programa de ressocialização?	0	10

Fonte: Elaborado pela pesquisadora – Apodi (RN) (2018/2019).

Quanto à idade dos homens constatou-se que o mais novo tinha 19 anos e o mais velho 53 anos. Entre as mulheres entrevistadas a média de idade estava entre 21 anos, e a mais velha com 47 anos, de modo que é possível afirmar que há uma variação de idade entre os mais jovens e os mais velhos, e não se pode concluir que atos de violência de gênero não ocorrem apenas entre os casais mais velhos ou mais novos.

Quanto à profissão, verificou-se que nove homens trabalhavam com atividades ligadas à agricultura, como o plantio de frutas e vegetais, e a criação de animais⁷, e dois exerciam atividades como pintor e vendedor.

Quanto à escolaridade dos entrevistados a graduação máxima entre os entrevistados, homens e mulheres, é do ensino médio. No entanto, entre os homens, apenas 1 conseguiu concluir o ensino médio. Enquanto entre as mulheres, 5 delas, com orgulho relataram que “terminaram os estudos”, conforme gráfico abaixo.

Os dados referentes à profissão e à escolaridade permitiram inferir sobre a importância da educação e do trabalho, especialmente na zona rural, onde estão

⁷ A cidade de Apodi é um importante polo de cultivo de frutas, sendo um dos maiores exportadores de melão do estado do RN. Esta atividade econômica tem grande importância no comércio da cidade, sendo responsável pela geração de empregos na região. Mesmo assim, é comum ver um grande número de pessoas desempregadas, especialmente as mulheres.

concentradas parte dos interlocutores. Percebeu-se entre os entrevistados que todos fazem parte da classe mais pobre, sendo dependentes de programas do Governo Federal, como o bolsa família, entre outros programas assistências disponibilizadas pela Prefeitura de Apodi, vivendo, ambos, homens e mulheres, em situação de pobreza.

A baixa qualificação inserida em um contexto de baixa demanda de empregos reflete sobre a capacidade de rendimentos das famílias que passam a encontrar dificuldades na manutenção do lar. É importante notar que mesmo apresentando melhor nível de escolaridade as mulheres não estão vinculadas à atividade profissional. Observou-se que a maioria delas tem como principal ocupação as atividades “do lar”, e mesmo assim, durante as entrevistas foi possível perceber o desejo das mulheres de mudar suas vidas, cada uma na sua realidade individual, determinadas a não mais se submeter a qualquer situação de humilhação ou violência.

A seguir partimos para análise das falas dos sujeitos e sujeitas entrevistados, foi possível conhecer as individualidades objetivas e subjetivas de cada um e como estas falas estruturam o discurso na construção de gênero presentes nas relações conjugais entre homens e mulheres em situações de violência de gênero.

Com a técnica do DSC pretendeu-se capturar as dimensões que são constitutivas das estruturas mentais que formam a totalidade das falas dos entrevistados e que se manifestam através de suas práticas sociais e dão sentido a suas vidas.

A pesquisa de campo realizada com homens na cidade de Apodi apresentou um grande desafio para o trabalho, de forma que o ambiente socialmente construído revelou diversas complexidades daquilo que o constitui, e justifica o lugar das metodologias qualitativas na produção científica e do fazer científico, que admite a possibilidade de que, partindo de elementos indicativos, seja plausível tornar cognoscíveis os processos sociais, isoladamente e/ou de modo complementar às metodologias quantitativas (BARBOSA, 2014).

Desta forma, a seguir serão apresentados e comentados os resultados obtidos em forma de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em um discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular composto por Expressões Chave organizadas em categorias a partir dos depoimentos colhidos.

Ao falar sobre a presença da violência nas relações de gênero, Grossi (1998), diz que essas relações deveriam ser compreendidas como um jogo, vivido a dois, ou como uma peça de teatro, onde o casal encenava, nem sempre consciente, apenas aquelas situações que iriam atingir seus objetivos, afirmando que havia um jogo de reajustes entre eles, e quando um dos dois não cumpriam as regras do jogo, era necessário a intervenção de outros atores, pois como sabemos, trata-se de um jogo perigoso, tanto para homens quanto para mulheres, como veremos adiante.

“Já paguei minha dívida com a sociedade”

Este tópico apresenta as falas dos homens autores de violência de gênero na forma de DSC, escolhidos a partir da amostragem dos casos ocorridos na cidade de Apodi no ano de 2016 e 2017. Apresentar os discursos dos homens, todavia, não tem a intenção de colocá-los no lugar de vítima, nem justificar seus atos violentos, pois estes devem ser punidos, como de fato foram. De toda forma a responsabilização dos atos violentos cometidos contra as mulheres precisa passar

por uma profunda reflexão sobre os autores da violência, levando-os a refletir sobre seus atos e assim rever seus comportamentos e assumir um processo de mudança.

Segundo Pereira (2014), apenas em 1970, surgiram estudos científicos sobre homens na perspectiva da violência de gênero e só com a promulgação da LMP no ano de 2006 é que se passou a ter pesquisas importantes trazendo o homem como sujeito da pesquisa. Antes, porém, os estudos focavam questões de saúde sexual e reprodutiva, e paternidade.

É fundamental, sobretudo, trazer ao centro do debate sobre violência de gênero a emancipação dos homens como forma de desconstrução de estereótipos de masculinidade com o objetivo de contribuir com a reflexão da necessidade de se pensar as relações de gênero quanto à dimensão da violência doméstica contra as mulheres, pois não é possível uma mudança radical diante das relações violentas entre homens e mulheres quando se trabalha apenas com as mulheres de quem se espera uma postura de transformação, enquanto a outra parte permanece o de “sempre”.

Os discursos dos sujeitos aqui apresentados são compreendidos como uma prática orientada por processos sociais baseados nas estruturas institucionais dentro de uma matriz cultural. A análise a seguir buscou através da técnica do DSC compreender as complexidades das práticas sociais que atuam na constituição do homem-coletividade, a partir das vivências cotidianas que ultrapassam os eventos individuais e se reproduzem na estrutura social, no comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais.

Assim, os discursos apresentados a seguir representam os significados atribuídos aos homens autores de violência de gênero de suas experiências e constituição como sujeito e como homem.

Questão 1

Com o objetivo de “Conhecer o contexto em que ocorreu o crime”, foram colhidos depoimentos que respondem à primeira pergunta: *Como ocorreu o fato que o levou a cometer um crime contra sua companheira ou ex-companheira?*

As categorias identificadas, bem como os resultados em forma de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)⁸ para primeira questão são:

- A. Bebida e brigas anteriores;
- B. Situações de traição e ciúmes;
- C. Situações de traição e bebida.

DSC da Categoria A: Bebida e brigas anteriores

Eu bati nela sim, já estava bêbado e quando fui falar com ela, não aguentei e dei um empurrão nela, ela caiu e machucou o joelho. Havia agredido ela sim, mas isso nunca mais aconteceu. Nossa relação era tumultuada e houve várias brigas e agressões. O motivo das brigas sempre era por causa do ciúme e misturava com a bebida. Eu não aceitava o fim da relação, perdi a cabeça quando a vi conversando com outro homem. Confirmo que a agredi fisicamente, e cheguei a enviar mensagens de áudio fazendo ameaças contra ela, eu estava muito bêbado e perdi o controle, quebrei vários objetos da casa, ela se revoltou comigo e quis proteger os filhos aí eu parti pra cima dela e mandei ela se calar. Realmente ameacei ela. A gente se separou e ela não me deixava ver o menino. Eu não aguentei a situação. Bebi uns todinhos e fui lá na casa dela com uma roçadeira. faltou terra nos pés, se eu tivesse um 38, ela tinha ficado só o bagaço.

⁸Para fins de identificação no banco de dados e de preservação do sigilo das pessoas entrevistadas, foi estabelecido um código alfanumérico em substituição ao nome. As abreviaturas adotadas devem ser interpretadas como segue: H=homens agressores, de 1 a 10. Como a plataforma do Programa só aceita o registro de 1 a 9, a registro HA1, é referente ao entrevistado número 10.

Eu disse mesmo que iria matar ela, ameacei mesmo. Eu estava calmo, mas quando vi aquilo perdi a cabeça, dei um chute na porta que estrondou. Depois disso eu fui preso.
(DSC, estruturado nos depoimentos: H1; H2; H8; H3; H5; H8; HA1)

De acordo com a categoria A “Bebida e brigas anteriores” ficou bastante marcada nos discursos dos homens a presença do consumo de bebida alcoólica no contexto que envolveu os atos de ameaças e lesões praticados pelos entrevistados, onde foi possível registrar que em 70% dos casos, o homem estava bêbado, embriagado ou “melado” como cita uma das mulheres.

O uso constante da bebida alcoólica descrita nos discursos dos entrevistados é parcialmente lamentado por eles, pois ao mesmo tempo em que a bebida é a representação de sua identidade enquanto homem que atua nos papéis de pai/marido/provedor, também é o catalizador principal dos conflitos interpessoais. Ao mesmo tempo em que proporciona um momento de lazer, representa a posição do *status* social e cultural que o coloca no espaço que é como se fosse impossível não beber, chegando a ser contraditório e irreal a confissão do arrependimento do crime praticado, revelando discursos que legitimam a dominação, representada através do comportamento abusivo e violento presente nas narrativas que antecedem o fato que culminou na denúncia.

Fazer uso de bebida alcoólica é, portanto, uma fonte de prestígio entre os homens e para os homens, pois é o que se espera que um “homem de verdade” faça. O consumo de bebida alcoólica é uma das marcas que identificam o gênero masculino revelado nos discursos e nas práticas que esses discursos formam.

Sobre o uso de bebida alcoólica e casos de violência de gênero um estudo apresentado pelo Instituto de Psiquiatria, da Universidade de São Paulo (USP, 2005)⁹, destaca que a bebida alcoólica está presente em 50% dos casos de agressão sexual, e que homens casados possuem índices mais altos de alcoolismo em comparação àqueles não casados. As pesquisadoras responsáveis pelo estudo, afirmam, que os índices de alcoolismo são de 67% a 93% entre maridos que agrediram suas esposas. A pesquisa acrescenta ainda o uso de substâncias psicoativas relacionada a casos de violência cometidos contra às mulheres.

Em 2009, o professor Arilton Martins Fonseca, da UNIFESP, apresentou os resultados de uma pesquisa onde descreve os padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil¹⁰. Segundo o professor, como o álcool é considerado uma droga lícita e pode ser adquirido facilmente, sendo consumido livremente em bares, casas, restaurantes e com tão vasta oferta, costuma-se recorrer ao consumo em qualquer situação, desde momentos de alegria, tristeza, angústia, sentimentos comumente relatados em casos de violência doméstica.

Para quebrar esta relação entre álcool e violência doméstica o professor sugere em sua pesquisa a necessidade de se implementar Políticas Públicas com o objetivo de atuar no combate ao alcoolismo, sem, no entanto, se criar um nexo de causalidade entre o uso de álcool e a violência doméstica, sob o risco, de focar numa causa que, se suprimida, não acarretará no fim da violência.

Fonseca (2009), apresenta como proposta de combate à violência de gênero a necessidade de uma reflexão ampla e profunda sobre a cultura do machismo que estimula o uso abusivo do álcool por homens como forma de afirmação da masculinidade, e cita o trabalho do Comitê de Combate ao Machismo – Bauru/SP¹¹ que realiza campanhas educativas em escolas de ensino fundamental

⁹ Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo – USP - Monica L Zilberman, Sheila B Blume – Revista Brasileira de Psiquiatria.

¹⁰ <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v43n5/24.pdf> - visto em 28/10/2019

¹¹ <http://www.facebook.com/ComiteCombateMachismoBauru/> - visto em 28/10/2019.

e médio, e em universidades, evidenciando as consequências do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

O que os estudos citados revelam e é possível perceber durante as entrevistas é que o uso de bebida alcoólica está diretamente relacionado a situações de conflitos entre casais onde na maioria das vezes é o homem que se encontra alcoolizado e a mulher em situação de vulnerabilidade diante do comportamento agressivo do homem. O DSC da categoria A revela “perde o controle e parte pra cima”, na qual o entrevistado utiliza como justificativa o uso do álcool como causador do comportamento agressivo.

Nas categorias B e C os homens procuram colocar como um fator importante do conflito a conduta das mulheres, procurando diminuir sua culpa e justificar a violência praticada, mesmo em casos em que já estavam separados das mulheres.

DSC da Categoria B: Situações de traição e ciúme

Sempre teve brigas entre a gente, muitos conflitos, mas ela também era muito agressiva e desobediente, e que tanto batia quanto apanhava. Ela bebia e era muito ciumenta, chegamos a entrar em luta corporal algumas vezes, inclusive no meio da rua. Eu confesso que realmente [já] era bruto em casa, me excedi naquela situação, perdi o controle e agredi. (DSC, estruturado nos depoimentos: H9; H6; H7)

DSC da Categoria C: Situações de traição e bebida

A gente terminou por causa da traição dela, já estávamos separados uma semana, aí encontrei com ela na rua e parti para cima, eu estava bêbado e fiquei irado, peguei a faca que estava no meu bolso e fui para cima, aí aconteceu essa besteira. (DSC, estruturado nos depoimentos: H4)

Observando estas duas categorias, é possível perceber situações de traição ou suposta traição por parte das companheiras ou ex companheiras, nas falas dos interlocutores que consideram inaceitável a possibilidade de serem trocados por outra pessoa, e se veem humilhados diante da traição, recorrendo à violência como meio para solucionar o problema.

Ao agredir ou ameaçar a mulher, o homem acredita que irá garantir a permanência dela no relacionamento, uma vez que aquela situação de violência não é a primeira, ele espera que também não seja a última, e que como das outras vezes a mulher permaneça sobre o domínio do medo de uma nova ameaça, de uma nova agressão. É nisso que eles acreditam.

A entrevista feita com o H5 foi marcante. Trata-se de um homem que chama atenção aonde chega. Fala alto, está sempre arrumado e perfumado como ele mesmo faz questão de dizer: “não gosto de sair de casa de qualquer jeito”. Usando gargantilhas, pulseiras, chapéu de vaqueiro e bota, H5, não se intimida e fala abertamente de si, sobre a relação com a ex companheira e sobre o fato que o levou à prisão.

Em tom, ora de ironia e ora de frustração, H5 relata que mora sozinho. Viúvo da primeira esposa e divorciado da segunda, ele conta que uma mulher pra viver com ele tem que obedecer. H5 não esconde quem é. Diz que está à procura de uma mulher e que quer ter muitos filhos, chegando a perguntar durante a entrevista: você não teria uma amiga que estivesse disposta se casar comigo?

H5 é aquele homem estereótipo do nordestino-macho que acredita que a mulher deve satisfazer todas as suas vontades e que enquanto ele sai para farrear com os amigos, ela deve estar em casa, cuidando dos filhos, cozinhando, limpando para quando ele chegar recebê-lo como um soberano. Para ele esse é um papel natural da mulher.

A vida real, no entanto, mostrou a H5 que as coisas não são exatamente como ele achava que seriam. Ficou viúvo cedo. O filho mais velho logo saiu de casa para trabalhar e hoje mora em outro estado, por esse motivo quase não tem contato com ele. A filha mais nova nasceu com problemas mentais e por isso atualmente está em uma casa que acolhe pessoas com deficiência. Quando se casou novamente, pouco tempo depois a esposa sofreu um AVC e logo teve suas atividades e mobilidades reduzidas. O filho que os dois tiveram não quer mais contato com ele após as ameaças constantes que H5 fez a mãe dele na sua frente. A criança, com sete anos, disse no momento da entrevista com a mãe que não quer ver o pai e não vai deixá-lo chegar perto da mãe, e por esse motivo estava fazendo judô na escola, para protegê-la.

Sem mulher e sem os filhos o discurso de H5 logo revela certa frustração e arrependimento. Ele acreditava ser natural agir e tratar a esposa da forma como ele aprendeu com o avô que, segundo ele, era o “caba” mais “macho” que ele conheceu. Criado pelo avô, H5 teve pouco contato com o pai e sobre o avô diz que trabalhava “feito bicho” e que não aceitava ser desrespeitado por ninguém. H5 conta que nunca viu o avô agredir sua avó, e que bastava ele olhar para ela que ela já entendia o que ele queria.

A entrevista com H5 é bastante significativa, no sentido de que a espontaneidade do interlocutor permite que ele conte sua história e permite conhecer com mais detalhes os pontos da construção da sua masculinidade, adquirida e vivida até mesmo na forma mais violenta nas ocasiões em que ele ameaça a companheira que saiu de casa, pois não aguentava mais as situações de humilhação que sofria por parte dele.

O entrevistado H5 conta que foi até casa dos pais de sua ex-companheira embriagado, após fazer uso de alguns “todinho” pra “tomar coragem”, segundo ele. E relata que passou a ameaçar a mulher porque perdeu o controle e que só queria que ela voltasse para casa porque ela era a mulher dele, chegando ainda a ameaçar o pai e o irmão dela que também prestaram queixa contra ele. Ele conta ainda que se tivesse um revólver, descarregava todinho na cara dela, mas diz que se arrependeu de ter falado isso, e falou no momento de raiva.

Ele (H5) chegou a ficar preso três meses e o restante da pena seria cumprida através de serviço comunitário que, segundo ele mesmo disse, não estava mais cumprindo. O entrevistado H5 fala da prisão com expressões de vergonha e disse que não é homem pra ficar preso, dizendo: “nunca mais volto para aquele lugar”.

Quando fala sobre marcas da identidade de gênero, Moore (2000), explica que a perda da capacidade de controlar as ações do outro resulta em ações de violência e esta, quando ocorre, é o resultado de uma crise na representação e autorrepresentação dos papéis de gênero, que estão diretamente ligados ao exercício de poder e submissão. O investimento existencial em papéis e identidades resulta da persistente busca de sentido (PETERS, 2010). Daí a frustração de H5 ao chegar em casa e não encontrar mais a esposa e o filho.

O entrevistado H5 fez uso da narração de sua história de vida de forma espontânea, de modo a se construir como um homem que é levado a agir de maneira a corresponder a um ideal de masculinidade que está presente na sociedade brasileira de modo geral, e é “defendida por todo maquinário cultural que exalta a masculinidade hegemônica” (CONNELL, 1995: 241).

A partir desta perspectiva, na qual os homens recorrem ao uso da violência como instrumento de dominação e submissão, percebe-se a presença de um elemento estrutural estabelecido ao longo da formação da sociedade brasileira que é o machismo, traço social da cultura brasileira que tem como face mais cruel a

violência de gênero, manifestada nas diversas formas de crime (lesão, ameaça, difamação, estupro, assédio, feminicídio, entre outros).

A violência de gênero antes de surgir como forma de crime já está presente na socialização de homens e mulheres, quando ainda na infância são definidos os papéis que cada gênero irá desempenhar na performatividade de suas atividades, estabelecidas a partir de um discurso normativo binário do sexo de matriz heterossexual. Esses discursos afirmam que os papéis devem ser constituídos pelo sexo (masculino ou feminino), tendo como argumento as aparências biológicas que qualificam o gênero.

Desse modo, o ato de violência praticado pelos homens e justificado, seja pelo uso de bebida alcoólica, seja pela alegação de uma situação de traição ou ciúme, conforme apurado na pesquisa, encontram explicações nas bases estruturais estabelecidas para afirmar a construção de uma masculinidade hegemônica (BENTO, 2012) que carrega o peso da violência como um ato de descontrole do homem.

Na formação fincada nas esteiras do patriarcalismo a dominação masculina se estabelece na relação do mais forte sobre o mais fraco, e, evidentemente, a mulher é culturalmente mais fraca (FROTA, 2012: 35). O homem viril, agressivo, provedor que se afirma através da força física e desempenha o comportamento desenvolvido enquanto experiência subjetiva.

Questão 2

A segunda pergunta do questionário foi pensada buscando responder à questão inicial que inspirou esta pesquisa. Conforme citado na introdução do trabalho, atuo como Escrivã de Polícia Civil na cidade de Apodi desde 2015. Desde então, estou envolvida em diversos atendimentos relacionados à violência de gênero. Logo no início das minhas atividades como policial, chamou minha atenção a maneira como os homens condenados eram encaminhados para cumprir pena juntamente com outros condenados pela prática de variados tipos de crime, fazendo surgir as inquietações iniciais desta pesquisa.

Meus primeiros pensamentos se encontravam com uma realidade dura diante de um cenário que justificava e dava sentido à política de encarceramento vigente, amplamente utilizada pelo sistema de justiça brasileiro. Quando se fala em crimes de violência contra a mulher, não é diferente, o que se espera é que o homem autor de violência de gênero cumpra a pena, seja preso. Espera-se também que ao sair da cadeia, este homem tenha sido transformado pelo sistema prisional, que ele tenha pensado sobre seus erros e modificado seu comportamento. A verdade é que isto ocorre, de fato. Os homens condenados entrevistados nesta pesquisa, não voltaram a agredir ou ameaçar as mulheres e em alguns casos até voltaram a se relacionar com elas.

Mesmo não passando por nenhum tipo de programa de educação ou ressocialização, como está previsto pela LMP, não se tem registro, até o momento da escrita desta pesquisa, de que estes homens tenham voltado a cometer atos de violência contra as companheiras ou ex-companheiras. Chama-nos atenção o fato de que por morarem na mesma cidade, e até na mesma rua, em casas próximas, os casais estabeleceram uma forma de contato, procurando tratar de assuntos relacionados aos filhos e a família, por exemplo.

O medo de voltar a serem presos, no entanto, é o fator determinante que segundo relatado por todos os homens entrevistados, os impedem de voltar a praticar os atos de violência, revelando a forma que a LMP alcança seu propósito em coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres.

A terceira e última questão tratada com os entrevistados tem como objetivo “Conhecer a dinâmica das relações de gênero presente no contexto familiar”, onde foram colhidos depoimentos que respondem à seguinte pergunta: *Houve casos de violência contra mulher na sua família? Sim () Não () Com quem?*

Questão 3

O DSC da terceira questão representa uma realidade que vem sendo apontada por estudiosos do tema da violência de gênero que explica o fenômeno da violência como algo que está estruturado na sociedade brasileira em geral. Fenômeno que se apropria das dinâmicas sociais cotidianas de homens e mulheres que recorrem à prática de atos violentos como opção para resolução de conflitos, atribuindo a estes o valor simbólico adquirido desde a infância e que é transmitido às futuras gerações como algo natural, portanto, pertence à natureza humana de homens e mulheres, sendo estes os agressores e estas as vítimas.

O DSC da Categoria A desta questão:

DSC da Categoria A

Houve sim, teve vários casos de violência doméstica, principalmente meu pai contra minha mãe foi várias agressões, eu cheguei a presenciar algumas vezes, meu pai vivia bebendo e agredia minha mãe e meus irmãos. Ele bebia todo dia. (DSC, estruturado nos depoimentos H1, H3, H6, H8)

Registrou-se que em 40% dos casos analisados houve situações de violência ocorridos anteriormente entre os pais, número que revela o ambiente familiar como sendo o local onde a mulher está mais vulnerável, nos levando a repensar a organização do núcleo familiar, onde a família é colocada pela sociedade como um espaço de segurança. Segurança para quem? O que a pesquisa mostra é que esse ambiente familiar pode ser muito perigoso, sendo comum que o homem se prevalece desse contexto de convivência para manter a mulher coagida, desencorajando-a de noticiar a violência sofrida aos familiares, aos amigos ou às autoridades.

Em resumo, é possível perceber como a identidade masculina está construída dentro do modelo hegemônico que posiciona os homens a partir de narrativas e comportamentos violentos projetados na sociedade de uma forma específica. Os discursos não apresentam o reconhecimento da conduta violenta praticada contra as mulheres e destaca o medo de voltar a ser preso como elemento que mantém o homem afastado da mulher.

Por fim, ao unir os discursos e histórias através do DSC, foi possível conhecer os parâmetros que atuam na construção do gênero, e revela que as culturas não têm um modelo único de gênero, sendo necessário considerar a multiplicidade dos discursos e as diferentes formas e relações de gênero. Através das histórias dos homens e mulheres em situação de violência aqui apresentadas, foi possível compreender, sobretudo, que o discurso destes sujeitos e sujeitas traduz além das lutas e dos sistemas de dominação, algo pelo que se luta (FOUCAULT, 2014).

Considerações finais

É possível concluir que a presença da violência nas relações de gênero é como um jogo, no entanto, as regras deste jogo precisam garantir a homens e mulheres as mesmas probabilidades no exercício do poder, na aquisição das habilidades para o desenvolvimento de homens e mulheres, como cidadãos e como seres humanos. Enquanto estas relações estiverem marcadas pela hierarquia e não pela

homogeneidade nas categorias de gênero, o combate à violência contra as mulheres será apenas um conjunto de tentativas parcialmente bem-sucedidas, nunca plenamente atingidas.

Os discursos dominantes de gênero que atuam nas relações de poder compõem os elementos que legitimam e naturalizam a violência de gênero, de maneira que é necessário ampliar a reflexão quanto às práticas e representações sociais que atuam na construção desses discursos, uma vez que, que estes discursos se reproduzem historicamente nas relações sociais e nas instituições, promovendo relações de dominação que favorecem os homens e mantém as mulheres em condição de vulnerabilidade e violência.

Esses discursos afetam a materialidade social e constroem as existências sociais, distribuídas pelos discursos diferenciadores que percebem a divisão sexual binária entre “homem” e “mulher” que encobrem os processos de produção político-discursiva que funciona como instrumento do *biopoder* (BUTLER, 2018). Assim, Butler (2018), entende que discursos não têm a capacidade de constatar e enunciar uma verdade objetiva inerente à realidade, pois são sempre performativos e se produzem nas territorializações categóricas que a linguagem opera para descrever o mundo.

Portanto, homens e mulheres, são capazes de resistir aos padrões impostos socialmente, na medida em que procuram agir conscientes das possibilidades de interferir no meio de sua ação, orientando-se por práticas do cuidado de si como um modo de vida, onde são capazes de refletir e criar novos caminhos reestruturando o próprio *habitus*, que pode gerar novas práticas e representações sociais.

Recebido em 7 de abril de 2021.
Aceito em 30 de agosto de 2021.

Referências

- BARBOSA, Anna Christina Freire. *Lei Maria da Penha: Da Convivência com as práticas do sistema de justiça no submédio do Vale do São Francisco*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, UFRN, 2014.
- BEZERRA, Tiago S.; FORTES, Lore. *O simbolismo do Morro do Careca*. Natal: EDUFRN, 2018.
- BOURDIEU, P. *Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FONSECA, Arlindo Martins. Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. *Revista Saúde Pública*, 43 (5): 743-749, 2009

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FROTA, Maria Helena de Paula. *Assassinato de mulheres no Ceará*. Fortaleza: EDUECE/EDMETA, 2012.

GROSSI, Mirian Pillar. “Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência”. In: GROSSI, Mirian; PEDRO, Joana (orgs.). *Masculino, feminino e plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. pp. 29-39.

LEFEVRE, A. M. C.; LEVEFRE, Fernando. O sujeito coletivo que fala. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 10 (20): 517-524, 2006.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, Arkley Xênia Souza da. *A mediação no campo jurídico: arte e técnica como alternativa à resolução dos conflitos familiares*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, UFRN, 2018.

SMITH, Barry; SMITH, David. *The Cambridge Companion to Husserl*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.